

“REMINISCÊNCIAS DORENSES”: REPRESENTAÇÕES DO OESTE DE MINAS DO INÍCIO NO SÉCULO XX, NAS PÁGINAS D’O LIBERAL (1973 -1989)

Gilberto César de Noronha *

Resumo: O trabalho é uma proposta de retomada das formas de representação do Oeste de Minas Gerais do início XX construídas nas páginas do jornal *O Liberal*, de Dores do Indaiá, como estratégia para discutir a construção de memórias sobre este tempo e espaço específico da história de Minas. Estes são resultados parciais de uma pesquisa mais abrangente sobre as formas de representação do Oeste de Minas Gerais e dos processos de identificação a este lugar. A proposta de análise se constitui no deslocamento teórico da problemática da memória social para uma discussão das configurações sociais, especialmente as funções da percepção do espaço na construção das identidades.

Palavras-chave: História; Memória; Dores do Indaiá.

Abstract: The work is a proposal of retaking in the ways of representation of the West of Minas Gerais of the beginning XX built in the pages of the newspaper “*O Liberal*”, of *Dores of Indaiá*, as strategy to discuss the construction of memoirs on this time and specific space of the history of Minas. These are resulted partial of an including research on the forms of representation of the West of Minas Gerais and of the identification processes to this place. The analysis proposal is constituted in the theoretical displacement of the problem of the social memory for a discussion of the social configurations, especially the functions of the perception of the space in the construction of the identities.

Key words: History; Memory; Dores do Indaiá.

1 - Introdução

Esse blog foi criado [para] (...) ser um lugar de reflexão e debates em torno de uma questão fundamental para mim; o não crescimento, a paralisação eu diria, das cidades do centro-oeste mineiro. Minas também tem (e como!) suas cidades mortas e várias delas estão ali, no centro-oeste. Falo de Dores do Indaiá, Luz, Quartel Geral, Abaeté, e tantas outras (...);há uma grande inércia generalizada que paralisa todo o desejo, toda a vontade de mudança. Essas cidades precisam renascer, respirar novos ares. (VARGAS: 2009)

Não crescimento, paralisia, estagnação: termos recorrentes no discurso daqueles que se propõem a analisar as cidades do chamado oeste de Minas Gerais. Essa caracterização aparece na proporção inversa aos estudos detalhados sobre a situação regional que permitiriam sua comprovação empírica. No entanto, a idéia de estagnação tem sido premissa fundamental em discussões de programas de desenvolvimento regional implementadas por instituições públicas e privadas desde pelo menos a década de 1970: desde o Programa de Ação Concentrada (PAC) à época do governo militar (O ABAETÉ EM MARCHA, 1971:3)

* Universidade Federal de Uberlândia. Doutorando em História Social. Bolsista CAPES.

até os atuais Programa de Desenvolvimento Sustentável do Centro Oeste Mineiro (PRODESCOM, 2001) e o Consórcio dos Municípios do Lago de Três Marias (COMLAGO, 2009), para citar alguns exemplos.

Decréscimo populacional¹, êxodo rural², estagnação econômica, declínio cultural são alguns dos “problemas” diagnosticados com base em dados conjunturais que sustentam a idéia de *estagnação* e, não raro, fundamentadas em conhecidas interpretações “históricas” decadentistas pelas quais são enunciados os sentimentos de identificação à região: desânimo, comodismo, enfim, ausência de “desejo e vontade de mudança”, nos termos de Ana Claudia Vargas. “*Em defesa do Centro-oeste Mineiro*”(2008) – um de seus textos-manifestos publicados na Internet – a autora explicita o raciocínio que a levou à idéia de estagnação e decadência da região:

Antes de escrever esse texto, fui pesquisar sobre o centro-oeste e encontrei dados que me deixaram perplexa, literalmente: minha cidade, Dolores do Indaiá, por exemplo, possuía várias fábricas e pasmem, 5 jornais (...) nos idos de 1920! (hoje há apenas um pertencente à prefeitura) (...) bem sabemos que muitos fatores contribuíram e contribuem para que, a todo instante, a estrutura econômica sofra transformações radicais e isso, naturalmente, afeta a vida de uma região, de um povo. (...) muitos fatos dessa natureza fizeram com que o centro-oeste sofresse esta paralisação significativa em suas tantas atividades econômicas: a Estrada de Ferro Paracatu acabou (segundo especialistas, o fim do transporte ferroviário do Brasil foi o começo da decadência de muitas cidades) e houve a grande depressão nos anos 30, só para citar duas prováveis razões. (VARGAS: 2008)

O sentimento de perplexidade da autora pode ser compreendido sob pelo menos dois pontos de vista distintos: como militante do progresso ela se espanta com a estagnação econômica e cultural da região e, como observadora do presente e analista do passado ela decreta a “morte” dessas cidades e aposta na possibilidade de “renascimento”, conforme o texto da epígrafe. Opera num *topos* conhecido das concepções cíclicas e decadentistas da história. Nesse sentido, progredir e “voltar” [a um lugar de destaque] parecem ser movimentos complementares e não opostos³.

Seria possível argumentar que essa perspectiva histórica que alia estagnação/regressão e decadência, progresso e retorno a um lugar de destaque, aceleração e

¹ O município de Dolores do Indaiá, de 1996 até 2007, por exemplo, sofreu decréscimo de 4,2% no número absoluto de habitantes. (Cf. IBGE, 2008a)

² A observação da estrutura populacional das cidades do oeste de Minas possibilita apreender o fenômeno. Ainda que a população absoluta não esteja regredindo em todas essas cidades, em Abaeté, Bom Despacho, Dolores do Indaiá, Quartel Geral, por exemplo, a população de 20 a 29 anos é bem menor do que os precedentes e posteriores. É o momento em que grande parte dos jovens conclui a educação básica e migra para tentar oportunidades de estudo e emprego nos centros urbanos mais desenvolvidos. Quando declaram que estão “indo embora”. (Cf.. IBGE, 2008b)

³ Como observou Jacques Le Goff (2001), a idéia de estagnação/reacção opera num eixo horizontal, em sentido contrário ao progresso, já a idéia de decadência, opera num eixo vertical, poderíamos dizer, opondo-se a auge, clímax ou mesmo a uma Idade do Ouro, para fazer referência à cosmogonia de Hesíodo (apud LE GOFF, 2001:377).

ascensão (em planos diferentes), tem sido enunciada através de novas expressões como *desenvolvimento sustentável* que pretendem aliar os objetivos de desenvolvimento técnico, econômico e cultural, com uma propalada necessidade de “resgatar [a história] e promover a identidade cultural regional”⁴ (PRODESCOM, 2001: 9). Uma nova semântica para as conhecidas noções de progresso e de decadência – e todo o seu peso ideológico (Cf. LE GOFF, 2001:373) – operando em leituras atuais da história regional. Nesse sentido, ao historiador interessado nas formas de identificação social desenvolvidas neste espaço específico, parece pertinente questionar não apenas os recursos lingüísticos que organizam a narrativa histórica da região, mas as funções políticas dessa forma de compreensão, da seleção dos acontecimentos, das concepções do tempo que sustentam os projetos para o futuro, das formas de gestão da memória.

Para avançar nessa questão, resolveu-se seguir os passos propostos por Ana Cláudia Vargas, não apenas perseguindo os fatores do progresso e as causas da decadência, mas o próprio discurso que os enuncia através do jornal local – ele próprio visto como “o timoneiro do progresso” (FERREIRA, 1976, p. 1). Para tanto, tomou-se o semanário⁵ *O Liberal*, de Dores do Índia, MG, em sua quarta fase (1973 a 1989), quando era dirigido por Bento Galvani e Antônio Lopes Cançado⁶. Foram consultados todos os números dessa nova fase do jornal (anos de 1973 até 1989), excetuando-se o ano de 1981⁷. Após uma leitura geral do periódico foram selecionadas algumas colunas para análise mais detalhada: editoriais, necrológicos, a *coluna da cidade*, *escritores dorenses*, *O vigilante I e II*, e especialmente, a coluna semanal *Reminiscências Dorenses*⁸ que era escrita por José Gonçalves Ferreira e contava com a colaboração esporádica de Waldemar de Almeida Barbosa e Rubens Fiúza, ambos envolvidos em projetos de registro da memória e escrita da história municipal de Dores do Indaiá. Não se pretendeu uma análise da conjuntura de Dores o Indaiá dos anos 1920, mas dos significados que

⁴ É justamente a idéia de preservação do meio ambiente, tomado como patrimônio da humanidade que aproxima natureza e história e dá impulso a determinadas ações preservacionistas e de resgate do passado, num quase obsessivo dever de memória. A bibliografia sobre estes dois temas é farta, embora a relação entre as duas frentes do fenômeno tenham sido pouco estudadas até hoje.

⁵ Embora fosse um semanário, em alguns momentos ele circulou quinzenalmente: nos anos de 1982,1983 e 1985.

⁶ “O Liberal nasceu em 1933, por iniciativa de Cornélio Caetano, prefeito da cidade na ocasião. Nesta época, era redigido por José Ribeiro Machado (Zezé Machado) e circulou até 1946. Deste ano até 1948, foi de propriedade de Rubens Fiúza. Em seguida, foi dirigido por Nilo Peçanha de Araújo que em 1973 transfere-o a Bento Galvani, que se associou a Antônio Lopes Cançado. O jornal circula ininterruptamente de 1973 a 1989. “Reapareceu em 1993 como informativo da Prefeitura Municipal até o ano de 1996; e de 1997 a 2000 (O LIBERAL, 2008).

⁷ A coleção completa de toda essa fase (com a exceção do ano de 1981) pertence ao arquivo pessoal de Antônio Lopes Cançado, um dos diretores do periódico, residente em Dores do Indaiá.

⁸ A coluna tinha o nome de *Gente de Dores* na fase anterior do jornal, ainda dirigida por Nilo Peçanha de Araújo que deixou a direção do jornal por “*força de contrato comercial*” (O LIBERAL, 1973, n. 364: 1)

os acontecimentos deste tempo adquiriram nos discursos dos jornais dos 1970 ao iniciarem um esforço de interpretação da história da região, motivados pela busca do desenvolvimento.

Reminiscências Dorenses, como sugere o título, propunha-se a recordar fatos e personalidades considerados importantes para a história da região. Nota-se, pela leitura seguida dos seus primeiros cinco anos que ela passa de uma recordação de personalidades, quase sempre semelhante aos muitos necrológicos incluídos no jornal, para a análise de fatos e processos mais amplos da história da cidade de Dolores do Indaiá. Esta coluna era também espaço para a publicação de lembranças individuais do colunista assim como para a publicação de documentos oficiais inéditos sobre a história da cidade e da região oeste de Minas.

Em todo o período analisado, uma das principais preocupações do jornal é com o registro histórico⁹ que nos parece orientado pela idéia de uma história cíclica e decadentista com forte caráter moral e religioso. A supervalorização do passado frente ao presente, ao mesmo tempo em que cria uma sensação desintegração em processo – ruína – desencadeia um “dever de memória” – como possibilidade de redenção Assim, a enunciação da decadência parece ser tomada como antídoto contra a própria ruína iminente e condição para um renascimento. Sigamos essa história pelas suas próprias estratégias de enunciação.

2 – Dolores do Indaiá do passado: *Infantia e pueritia*

Abraçado pela serra/Nasce um dia, um lugarzinho/Começava a nossa Dolores/Começava o nosso ninho/Fica entre verdes colinas/E passarinhos e flores/A freguesia de Dolores/Nos fins dos sertões de Minas/Um canto pra nossa terra/Um canto do coração/Reminiscência de outrora/de um encantado rincão. (Tonico Caetano, apud CANÇADO, 1973: 1)

Conforme a coluna *Reminiscências Dorenses* do jornal *O Liberal* do dia 20 de janeiro de 1973, os primórdios da cidade de Dolores do Indaiá remontam ao núcleo urbano iniciado com o Arraial de Boa Vista onde foi construída a Capela de Nossa Senhora das Dolores, em 1798-1799. Em 1850, o Arraial fora elevando à condição de Vila, definitivamente instalada apenas em 1854 quando seu território, desmembrado de Pitangui, passava a ser

⁹ Nesse sentido, *O Liberal* de Dolores do Indaiá é peculiar em relação aos demais jornais editados na região, de sua época. *O Abaeté em marcha* (1971 a 1978), por exemplo, periódico da cidade vizinha, distante 42 km de Dolores, como sugere o próprio título, estava empenhado, na “marcha” para o progresso e não possui nenhuma coluna ou artigo cuja proposta principal fosse “recordar o passado”. Voltado decididamente para o futuro, o jornal não apresentou esforço de memória semelhante ao *Liberal*: orienta-se para o progresso e não alimenta um discurso decadentista.

composto por duas freguesias: a de Dores do Indaiá¹⁰ e a de Morada Nova¹¹. Sua elevação à categoria de cidade teria se dado a 8 de outubro de 1885 (O LIBERAL, 1973, n. 366: 2).

Este período, compreendido entre os incertos anos do povoamento do Alto São Francisco (Cf. BARBOSA, 1970) até o início do século XX, é tomado como o “passado longínquo” (FERREIRA, 1976, n. 535:1) do nascimento e infância da cidade. Retomado como um tempo mítico da memória (Cf. VERNANT, 1990:107-131), pelo qual se faz a genealogia dos grandes homens que no século seguinte viverão a “fase heróica” (BARBOSA, 1973, n. 395:3) da história em Dores do Indaiá. Este é o tempo da infância (da não palavra) da geração atuante nos anos 1920-30 e falecida nos anos 1970¹². Os necrológios, as edições comemorativas do aniversário das obras públicas, os relatos de memória são os meios pelos quais se faz referência a esse tempo primitivo. Compreender essa divisão temporal torna quase inevitável associar a idéia de história da cidade ao ciclo de vida da geração do início do século XX.

3 – *Adolescentia e iuventius*: Tempos de Glória

Nas páginas do Liberal da década de 1970, é recorrente a idéia de que, “nos idos dos anos 1930, [Dores do Indaiá] era famosa pelo seu nível cultural, com acentuada liderança sobre uma vasta região” (O LIBERAL, 1973, n. 373:1). O tempo em que a jovem cidade e seus jovens heróis experimentam o desenvolvimento e a glória. Rememoram-no enumerando as conquistas “históricas” em direção ao progresso técnico e cultural: a Escola Normal, a estrada de ferro, a chegada da luz elétrica, o tiro de guerra, a cadeia regional¹³, a imprensa atuante, seus artistas – sobretudo poetas¹⁴ – e políticos de projeção nacional, como Francisco Campos.

A ênfase nestes acontecimentos, ao mesmo tempo em que atesta a grandeza deste período, cria um mal-estar no presente da rememoração. O início do século XX é lembrado como o tempo de “concretização de um sonho de progresso” (FERREIRA, 1974: 2) quando

¹⁰ Cujos distritos eram a sede (Dores do Indaiá), Tiros, Quartel Geral do Espírito Santo do Indaiá, Marmelada (atual Abaeté), são Sebastião do Pouso Alegre (São Gotardo)

¹¹ Composta pelos distritos de Morada Nova e Areado. (Cf. também BARBOSA, 1970: 26)

¹² Francisco Campos morre em 1 de novembro de 1968. Emílio Moura e Osvaldo de Araújo, na década de 1970.

¹³ Cujas construção foi iniciada em 1928, a pedido de Francisco Luiz da Silva Campos e concluída em 1932, ano em que F. Campos deixa o Ministério da Educação de Getúlio Vargas. No que se refere ao presídio é interessante notar a mudança de perspectiva de sua função social. Se no início do século XX, a construção fora vista como instrumento de civilização, assim como a imprensa, a escola, a estrada, nos anos 1980, é objeto de uma campanha contrária. Nas páginas do liberal de 1981/82, Domingos Ferolla e Rubens Fiúza argumentam pela desativação da Cadeia, o que ocorre em 1983. Hoje o prédio é a sede do executivo municipal.

¹⁴ A lista dos poetas dorenses é tão extensa quanto repetitiva nas páginas do Liberal: “José Osvaldo de Araújo, Emílio Moura, Mário Matos, João Chagas de Faria, José Bernardes Filho, Cornélio Caetano, J. Assis Rocha, Dácio Chagas, Zezé Machado, João Bosco Carneiro Barbosa, Waldemar Barbosa, Tonico Caetano, Carminha Gouthier, J. Soares de Carvalho, Frei Solitário, José Bernardes de Souza, José Gonçalves Ferreira e Jacinto Caetano”. (FERREIRA, 1976, n. 522:1).

“Dores do Indaiá se tornou (...) conhecida pela superior educação e cultura de seu povo” (FIÚZA, 1977: p. 2). Este *passado presente* (BARBOSA, 1973, n. 391: 2) torna possível a caracterização da estagnação e decadência da cidade dos anos 1970 e motiva a busca de suas causas e meios de superação.

4 - *Gravitas e senectus*: da Idade do Ouro à decadência da cultura

Nas reuniões sociais das casas de família, dos clubes, estabelecimentos de ensino etc, a nota dominante, naquele tempo, era a distinção, eram as boas maneiras e a polidez. O conselheiro Gomes da Silveira, visitando Dores em 1910, escreveu nas suas impressões, em um jornal de Pitangui: “é surpreendente e admirável encontrar nesses sertões remotos uma sociedade de gentes tão finas e educadas, e um pugno de homens tão cultos, poetas, escritores e músicos, e uma juventude tão amiga dos livros e, em geral, de todas as boas coisas do espírito”. Que diria o conselheiro hoje, se tivesse o ensejo de visitar novamente Dores do Indaiá? (...) a juventude de hoje são os bárbaros modernos. (FIÚZA, 1977: p. 2)

Quais seriam as causas da decadência de Dores do Indaiá? Qual o seu futuro? Ambas as questões serão respondidas pelo esforço de memória dos tempos de glória e dos monumentos/documentos que dele sobreviveram como a Escola Normal, cuja trajetória é rememorada em edição comemorativa dos seus 50 anos de fundação¹⁵:

[antes da criação da Escola Normal] (...) O atraso era (...) inimaginável. Foi a [sua] criação que modificou a situação (...) profundamente. Vieram professores de longe, dos centros mais adiantados. (...) do Rio de Janeiro, como D. Iracema Duffles. Do Rio Grande do Sul, como o prof. Bruce. De Belo Horizonte, como D. Aspásia Vieira Ayer. Organizou-se na Escola uma magnífica e atualizada biblioteca. O equipamento pedagógico tinha fama de ser o mais moderno e mais completo do Brasil. Atraindo em conseqüência estudantes de todas as cidades vizinhas. E assim a cidade fervilhava de atividades estudantis e de idéias novas e modernas, trazidas pelos livros, jornais e revistas e pelos professores e estudantes de fora. O exemplo de aplicação aos estudos e à cultura se generalizava. O número de professoras primárias formadas aqui mesmo se multiplicava e eram na maioria professoras devotadas e entusiastas (mesmo porque relativamente bem remuneradas). Dores, pois, se transformou sob o impacto da Escola Normal. Dai então que se justifique nós falarmos dos 50 anos de civilização que a Escola para nós representa. (O LIBERAL, 1978, n. 524: 1)

Se a instalação da Escola Normal é vista como agente de civilização, movimento semelhante ocorre com a leitura da existência da imprensa, da cadeia regional, da estrada de ferro. Tomados no presente como monumentos que atestam a passagem da infância da cidade

¹⁵ Foi fundada em 22 de março de 1928, quando Francisco Campos comandava a Secretaria do Interior no governo de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. De 1928 a 1973, diplomou 993 professoras. Foi criado pelo Decreto n. 8.245 de 18 de fevereiro de 1928. Instalado a 23 de março de 1928, em Prédio adaptado em 1930, em prédio próprio construído pelo estado. Em 19 de março de 1930 foi elevado à categoria de escola Normal Especial de 2º Grau. Em 1953, passou a se chamar Escola Normal Oficial “Francisco Campos” e em 1968, E.E. “Francisco Campos”. (Cf. MELLO NETO, 1974, n. 423: 1; MINAS GERAIS, 1928:53).

para seu *debut* no mundo da cultura, de civilização, o significado a eles atribuídos sugere um desenvolvimento cíclico da história: Após o nascimento, a juventude – gloriosa – resta a maturação e o envelhecimento, seguido da morte. O que se poderia esperar ao final desse ciclo ‘inevitável’? Ao final da crônica que avalia o significado da fundação da Escola para a história da cidade, observa-se:

É verdade que atualmente o ensino está em decadência entre nós. Nem por isto deixaremos de reconhecer o papel civilizador da Escola Normal de Dores, nem deixaremos de celebrar jubilosamente o seu meio centenário. (...) O mestre, hoje, no Brasil, tem o status e a remuneração de um pobre varredor de ruas. (...) E quem sabe também a nossa Escola Normal não tornará, (...) aos seus dias de esplendor? (O LIBERAL: 1978. n. 524. p. 1)

Ainda que não se possa escapar do ciclo, é possível reiniciá-lo: há no futuro a possibilidade de renascimento. A condição para essa retomada parece-nos seria manter viva a lembrança. Relembrar os tempos da Escola Normal é visto como motivação para as lutas políticas pela instalação de “uma escola de agricultura em Dores do Indaiá” (O LIBERAL, 1977, p. 1) ou para a instalação de uma Faculdade para, quem sabe, nos anos 1970, voltar à “fase áurea da Escola [que] ocorreu por volta de 1930” (BARBOSA, 1978, n. 625: 2).

Semelhante movimento ocorre quando os cronistas enveredam-se nas reminiscências sobre o desenvolvimento dos transportes na região e da história da Rede de Viação Mineira. A estação da antiga Estrada de Ferro Paracatu, em Dores do Indaiá, fora inaugurada em 8 de outubro de 1922 e as obras prosseguiram até Governador Viana (hoje Serra da Saudade) e Barra do Funchal e os trilhos deveriam chegar a São Gotardo. No entanto, em 1923, as obras foram paralisadas e a estrada “teve um fim melancólico, pois o ramal a partir de Bom Despacho foi suprimido em 1964, causando muito prejuízo à região”. (O LIBERAL, 1976, n. 547: 3). Ainda que a desativação da ferrovia fosse seguida pela construção das rodovias asfaltadas, ligando a cidade às grandes rodovias federais (BR-262 e BR-040), persistiu nas páginas do *Liberal*, a impressão de que a desativação da velha ferrovia tenha sido retrocesso e não progresso. Diferente do que se sentiu em outros lugares que, não raro, festejaram a substituição da velha e lenta maria-fumaça pelas “eficientes e rápidas” rodovias¹⁶.

Para além de mero saudosismo, lembrar o tempo em que os meios de transporte favoreciam a liderança regional de Dores do Indaiá é um ato político de enfrentamento dos programas governamentais em implantação nos anos 1970, quando os municípios vizinhos liderados por Abaeté, lutavam pela ligação rodoviária de Belo Horizonte a Goiás pela BR-352.

¹⁶ Não pretendo adentrar na polêmica sobre a substituição do transporte ferroviário pelo rodoviário. Para ver uma introdução ao tema cf. (PAULA, 2000. p. 41-67).

Relembrar o passado de glória e progresso era estratégia para despertar a população na luta pelo suposto retorno à liderança regional, supostamente perdido com as novas rotas rodoviárias. Para tanto mobilizam o sentimento de perda que parece comum aos leitores:

Já virou coisa de folclore local a interminável lista das grandes oportunidades que Dores do Indaiá perdeu por deficiência de suas lideranças tradicionais. Oportunidades de progresso perdidas para cidades vizinhas, as quais tantos se beneficiaram que já passaram ou estão passando na frente de Dores em desenvolvimento econômico, social e cultural. Recentemente o professor Waldemar de Almeida Barbosa esteve rememorando algumas dessas oportunidades: a sede do bispado, por exemplo, foi oferecida a Dores, mas o vigário da época não quis, foi para Luz. O escritório, oficinas, etc, da antiga rede mineira de viação foi para Bom Despacho porque os líderes dorenses o não quiseram aqui. A Faculdade de Filosofia também havia sido programada para Dores pelo governo Magalhães Pinto, mas não veio. A lista é extensa. (O LIBERAL, 1977, n. 581: 1)

E aqui, já há referência às causas da decadência que, muitas vezes, assumem um sentido moral e ideológico, semelhante ao observado nos discursos atuais. No editorial de junho de 1973, escrevia-se que “Dores já perdeu por negligência de seu povo, tantas conquistas importantes: (...) o tiro de Guerra existia e acabou. A estrada de ferro (...). Agora é a faculdade que nem chega a ser instalada.” (O LIBERAL: 1973, n. 388: p.1) E conclui resignado:

Talvez por ter ganho (sic) cedo demais tamanho benefício [Escola Normal, a estrada de ferro, o tiro de guerra, a cadeia regional], entendeu de dormir sobre os louros da vitória e se esqueceu de acordar a tempo para a realidade dos fatos. (...) a posição de Dores era realmente de grande notoriedade. (...) Por tudo isto, chega-se à conclusão que Dores estacionou em matéria de nível cultural. Regrediu até. (O LIBERAL, 1973, n. 373: 1).

5 – Considerações finais

Parece-nos que a visão decadentista e cíclica do passado observada n’*O Liberal*, dos anos 1970 tem na problemática contemporânea levantada por Ana Cláudia Vargas não mais do que uma atualização. Um certo “complexo de perda de oportunidades” assentado numa memória construída ao longo de todo o século XX no espaço político, circunscrito mas importante, da imprensa local que em muitos aspectos representa o pensamento de uma elite intelectual, política e econômica local ciosa pelo desenvolvimento capitalista da região.

E este complexo não seria criação dos cronistas dos anos 1970, mas um sentimento já presente entre aqueles que viveram o chamado período áureo da cidade, a despeito os saudosistas que “(...) argumentam que Dores fora no passado, uma cidade de nobres tradições

e elevado nível cultural”. Mas conforme questiona Rubens Fiúza: “Dores do Indaiá do passado era de fato uma cidade de alto nível?”¹⁷ (FIÚZA, 1977, n. 581: 2)

Pelos poucos vestígios como os poemas e cartas escritos neste período, é possível dizer que aqueles que viveram os supostos tempos de glória de Dores, concebiam a cidade como um lugar modorrento de horas amargas, conforme escrevia Emílio Moura, sobre as Dores de 1920 em uma de suas “poesias menores”, conforme classificação de Rubens Fiúza¹⁸: [Dores do Indaiá por volta de 1920] Uma rua velha e vazia/uma casa velha e vazia/uma vida velha e vazia./A poesia das coisas humildes/morrendo, morrendo.../Meu Deus, fazei com que o dia de amanhã/seja diferente do dia de hoje! (apud FIÚZA:1976, n. 540. p. 2).

Ainda que seja temerário tomar a linguagem poética como um vestígio seguro do modo como o poeta se identificava à região, é surpreendente observar que a forma como Emílio Moura se referia a Dores do Indaiá do seu presente (década de 1920) se assemelha ao modo como hoje as pessoas se referem a este tempo – agora como seu passado. Sejam as lembranças do início do século construídas nos anos 1970 ou na atualidade, portanto, são as “velhas” formas de identificação que aparecem em novas formas de expressão. Talvez nem seja necessário discutir se são as condições materiais que permaneceram ou os vestígios afetivos em relação a esse lugar que se atualizaram. A proposta de retorno ao passado não significa necessariamente uma proposta de mudança para o futuro.

6 – Referências

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Fortunato Giorni e Ernesto Gatti. *O Liberal*. Dores do Indaiá. 22 de set. de 1973. Ano 8. n. 395. p. 3.

_____. *Dores do Indaiá do Passado*. Belo Horizonte: s/ed, 1964.

¹⁷ O próprio cronista conclui que os jornais antigos como “*O Indaiá*, o *Voz do Oeste*, o *Oeste – Jornal*, o *Marruco*, o *Trabuco*, o *Voz dos Grêmios* (da antiga escola normal) e o próprio *O Liberal* na sua primeira fase – dentre os quais estão os cinco jornais que foram utilizados para fundamentar o argumento de Ana Cláudia Vargas para defender seu diagnóstico de decadência cultural de Dores – eram pequenos jornais interioranos como quaisquer outros de hoje, “sem nada (...) que os distinguisse como de uma cidade de alto nível cultural. (...) Bem inferiores, bem mais ingênuos e provincianos” (FIÚZA: 1977. n. 581. p. 2).

¹⁸ “Poesia menor: Como se vê, nada de especial, nada de grandioso ou filosófico, por trás da simples camada de imagens corriqueiras de uma cidadezinha provinciana, «perdida no mapa», como diz Emílio, onde a vida monótona, UMA VIDA VELHA e VAZIA \, vai morrendo lentamente, com o hábito... E’ o que pode chamar, em arte poética, de um «epigrama irônico e sentimental». Uma «poesinha» engraçada, ou engraçadinha... Apenas isto. Uma brincadeira, poética, sem maiores intenções. Nem conseqüências. Um exercício meramente lúdico da arte poética. Uma “artinha” poética intencionalmente menor.” (FIÚZA:1976, n. 540. p. 2). Talvez seja desnecessário dizer que não concordamos com a classificação de Fiúza, embora devamos escrever que o que nos interessa na obra de Emílio Moura é a possibilidade que ela tem de informar sobre o tempo em que foi produzida. Nesse sentido, se Fiúza diz que ela é menos poética porque é mais corriqueira, rasteira, talvez mais “colada ao mundano”, tanto melhor para o historiador. A considerar que nesse tipo de poesia Emílio Moura quase sempre se refere a Dores em tom negativo, é possível que a não aceitação dessas poesias - ou desse gênero - com arte maior, seja em razão da resistência dos leitores (atuais) em recepcionar uma obra que vá contra a imagem que possuem de um passado memorável.

- CAETANO, Tônico. Apud CANÇADO, Ernando Lopes. Dores do Indaiá na berlinda. *O Liberal*. Dores do Indaiá, ano. 8, n. 401, 6 de out. de 1973, p. 1.
- CENTRO OESTE DE MINAS. *Plano de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Centro Oeste Mineiro: visão 2010*. PRODESCOM. Outubro de 2001.
- FERREIRA, José Gonçalves. Reminiscências Dorenses. *O liberal*. Dores do Indaiá. Ano 9, n. 425, 06 de abr. de 1974
- _____. Reminiscências Dorenses. *O Liberal*. Dores do Indaiá. Ano 10, n. 522, 06 de mar. de 1976.
- _____. Reminiscências Dorenses. *O Liberal*. Dores do Indaiá. Ano 10, n. 535, 05 de jun. de 1976.
- FIÚZA, Rubens. Escritores dorenses: poeta maior. *O liberal*. Dores do Indaiá, 10 de jul. de 1976. ano 10. n. 540. p. 2
- _____. O vigilante II. *O liberal*. Dores do Indaiá. 21 de maio de 1977. Ano 11. n. 581. p. 2.
- IBGE. Evolução Populacional de Dores do Indaiá de 1991 a 2007. Infográfico disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>; Acesso em 29 de outubro de 2008a.
- IBGE. Pirâmide etária. Infográfico disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>; Acesso em 29 de outubro de 2008b.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.ed.Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MELLO NETO, A. Da cidade. *O Liberal*. Dores do Indaiá. 23 de mar de 1974. Ano 9. n.423. p.1.
- MINAS GERAIS. *Mensagem apresentada pelo presidente do Estado de Minas Gerais Antônio Carlos Ribeiro de Andrada ao Congresso Mineiro e lida na 2ª sessão ordinária da 10ª legislatura*. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas Gerais, 1928. p.53.
- O ABAETÉ EM MARCHA. Abaeté, MG, Ano I. n. 1, 25 de mar. de 1971.
- O LIBERAL. *Editorial da primeira edição Nova Fase do Liberal, de fevereiro de 2005*. Hipertexto. Disponível em <http://www.doresdoindaia.mg.gov.br/html/oliberal/oliberal.htm>. Acesso em 18 de out. de 2008.
- O LIBERAL: Semanário noticioso, Independente, Apartidário. Dores do Indaiá. 08 de abril de 1978. Ano 12, n. 524. p. 1.
- _____. A volta da estrada de ferro: Entrevista de José Gonçalves Ferreira ao Diário da Tarde. Dores do Indaiá. 04 de set. de 1976. Ano 10, n. 547. p. 3.
- _____. Dores do Indaiá: 6 de jan. de 1973, n. 364. Editorial. p. 1
- _____. Faculdade em Dores do Indaiá. *Editorial*. Dores do Indaiá. 17 de mar. de 1973. Ano 7, n. 373. p.1.
- _____. Faculdade em Dores do Indaiá. *Editorial*. Dores do Indaiá. 23 de jun. de 1973. Ano 8, n. 388. p.1.
- PAULA, Dilma Andrade de. O futuro traído pelo passado: a produção do esquecimento sobre as ferrovias brasileiras. In: FELENON, D. R; MACIEL, L. A; ALMEIDA, P. R. et. al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olhos D'água, 2000. p. 41-67.
- TRÊS MARIAS. *Estatuto do Consórcio dos Municípios do Lago de Três Marias*. COMLAGO. Disponível em http://www.comlago.org.br/page_comlago_est.htm. Acesso em 20 de abr. de 2009.
- VARGAS, Ana Cláudia. O que houve com nossas cidades? *Cidades Vivas*. Hipertexto. 24 de agosto de 2006. Disponível em <http://cidadesvivas.blogspot.com/> Acesso em 18 de mai. 2009.
- _____. *Em defesa do centro-oeste mineiro*. Hipertexto. Disponível em <http://www.acidi.com.br/modules/news/article.php?storyid=259>. Acesso em 18 de out. 2008.
- VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória. In: *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.107-131.